

Agonia da eleição vence até a televisão

A. C. SCARTEZINI

Há um longo caminho entre o voto do eleitor brasileiro e a eleição de um candidato, com uma série de sobressaltos para os dois lados, que começa pela divulgação das pesquisas de opinião e vai até o último momento antes da votação. Depois, vem o voto em si, mas que não conclui o processo de agonia: ainda há pela frente a tortuosa apuração dos votos. "Parece que estamos em pleno tobogã", confessa o senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP), uma impressão que vale para eleitores e candidatos.

Neste tobogã da eleição presidencial, a televisão perdeu o mito de que poderia produzir e eleger um presidente pela campanha eletrônica, mas confirma que o seu jornalismo tornou-se o centro dos movimentos eleitorais. "A **Globo** ocupou todos os espaços desde a divulgação das pesquisas até a apuração", atesta o cientista político David Fleisher que a mais moderna e forte rede de televisão assumiu o centro do processo eleitoral quase até o fim.

Na realidade, a **Globo** demonstrou, na apuração dos votos, um poder que nem ela mesma pode controlar e, por isso, aceitou as pressões dos partidos e abandonou a divulgação de sua apuração paralela, que disparava na frente do trabalho realizado por concorrentes e pelos funcionários enferrujados e

máquinas subutilizadas do Estado a cargo da Justiça Eleitoral. "É uma questão de competência", julgou pelo lado dos concorrentes o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Francisco Rezek.

ABANDONO

A questão poderá ser julgada por Rezek também pelo lado da Justiça Eleitoral, com tempo suficiente, antes do início da apuração do segundo turno da eleição, daqui a quatro semanas, e espera que o Estado revele a força que a **Globo** não teve, para controlar a sua divulgação paralela da primeira votação e que a levou a abandonar a operação antes do fim.

Enquanto toda a imprensa concorrente acreditou no conforto que teria para acompanhar, a baixo custo, a apuração dos votos pela parafernália que o TSE montou no Centro de Convenções, em Brasília, a **Globo** saltou na frente, sem levar em conta o investimento financeiro, e espalhou um exército com mais de sete mil homens pelo território nacional, para acompanhar a contagem das urnas e passar-lhes diretamente os resultados.

Diante dos lépidos rapazes da **Globo**, os funcionários enferrujados da Justiça e suas máquinas burocratizadas ficaram à distância, o que assustou o PDT de Brizola e o PT de Lula, que temiam pela manipulação de votos, no duelo travado à parte pelo segundo lugar na

eleição do primeiro turno. "Não dá para acompanhar essa agonia do sobe e desce", confessou Lula, na sexta-feira, sua inquietação diante das sucessivas trocas de posição com Brizola, na versão da **Globo**.

Nem a **Globo** aguentou e, no mesmo dia, preparou taticamente sua retirada de campo. Quando julgava já ter contabilizado mais de 75 por cento dos votos, começou a advertir que, na medida em que as urnas iam secando, o residual a apurar localizava-se nos confins do mapa brasileiro.

Eram confins do Nordeste e do Norte, onde a **Globo** não penetrou com seu exército e, portanto, não poderia fechar sua contabilidade com a contagem de cem por cento dos votos. Em que ponto, então, deixaria a contabilidade em aberto para que a Justiça Eleitoral a fechasse? Como compatibilizar os resultados até ali obtidos com os da Justiça?

Nesse momento, a **Globo** saiu da novela. Mostrou o repórter do "Jornal Nacional" em vôo em helicóptero da Marinha (era inevitável o recurso ao Estado) sobre a Amazônia em busca dos votos, e deixou no ar uma advertência: tão cedo, não serão conhecidos todos os votos do Amazonas, principalmente os que estão em urnas localizadas a dois mil quilômetros de Manaus. E o TSE, como vai fechar suas contas?